



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9653 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

**(DES)CAMINHOS DE UMA PESQUISA EM EDUCAÇÃO ESTÉTICA:  
DESPRATICANDO AS NORMAS PARA LECIONAR ANDORINHAS**

Adrienne Ogeda Guedes - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Michelle Dantas Ferreira - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

**(DES)CAMINHOS DE UMA PESQUISA EM EDUCAÇÃO ESTÉTICA:  
DESPRATICANDO AS NORMAS PARA LECIONAR ANDORINHAS**

### **Resumo:**

O presente texto foi construído a partir de investigações e considerações oriundas da pesquisa de Mestrado em Educação que está em andamento, realizada em uma universidade pública federal do Rio de Janeiro, que tem como objetivo visibilizar um conjunto de vivências formacionais (MACEDO, 2020) gestadas a partir de dentro (IMBERNÓN, 2010) e ofertadas para/com a equipe docente de um Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) do referido município, refletindo sobre as reverberações que esta propositura gera no ser docente, nos desdobramentos da docência e nas concepções de formação. As propostas foram pautadas em uma Educação Estética em diálogo com as múltiplas linguagens artísticas, em contexto pandêmico, realizando-se de forma remota, por meio de redes sociais. Trata-se de uma Pesquisa-Formação (LONGAREZI; SILVA, 2013) em que prática e teoria se retroalimentam em um processo cíclico contínuo, que conta com uma metodologia vivencial de propostas que se pretendem formativas, decoloniais e sensíveis, considerando as/os sujeitas/os participantes em suas inteirezas e integralidades em um processo de construção de conhecimento que se dá de forma sentipensante (SANTOS, 2019).

**Palavras-Chave:** Educação Estética; Pesquisa-Formação; Vivências; Linguagens Artísticas

A criança se sentou e começou a explorar a canetinha, mas sua exploração não se continha ao suporte disponibilizado, transbordando para suas unhas, mãos, braços, pernas e, por fim, no chão de piso preto. Nesse ponto eu já estava muito interessada na relação que ele estabelecia com o riscante, o seu corpo e o ambiente, mas suas ações não paravam de me surpreender, pois cada vez que ele percebia que eu estava olhando, imediatamente, voltava a marcar o papel, como se a “atividade” estivesse sendo realizada. O mais interessante é que não disse para ele, em nenhum momento, para não se riscar ou para não riscar o chão; isso aliás, não foi dito para nenhuma das crianças. (Registro de Campo, 2019)

Iniciamos este texto com um pequeno trecho retirado do nosso Registro de Campo porque ele evoca a urgência de refletirmos sobre as propostas artísticas que ofertamos para as crianças da Educação Básica, o que esperamos alcançar com elas e o quanto é primordial que as/os docentes tenham suas sensibilidades e sentidos acurados para possibilitarem que as sensibilidades e sentidos das crianças sejam respeitados e acolhidos cotidianamente, tal como nos aponta Duarte Jr. (2000). Sendo assim, este texto pretende tratar de uma Educação Estética que acreditamos ser necessária para a constituição de uma identidade docente que

esteja inteira na relação com as crianças, conectada com sua inteireza. Ao longo da pesquisa isto foi ficando mais evidente e fomos descobrindo que antes de pensar nas relações estabelecidas entre as crianças e as/os docentes, principalmente no que se refere às linguagens artísticas, precisamos olhar para a formação das/os professoras/es, para seus corpos e as relações que estabelecem com as linguagens artísticas.

A pesquisa que se iniciou pretendendo ofertar Ateliências (vivências em Ateliês) para um grupo de crianças da Educação Infantil, de modo a perceber o lugar que as linguagens e expressões artísticas ocupavam nesse cotidiano, trazendo as perspectivas que as crianças tinham acerca das vivências que lhes eram ofertadas, começou a se interessar pelas formações experienciadas pelas/os docentes, pois fomos percebendo o quanto há uma conexão entre as concepções das/os professoras/es e as práticas que propõem nas instituições educacionais.

Mudar a rota não é decisão simples e traz muitas incertezas. No entanto, não é disso que se trata o pesquisar? Incertezas, dúvidas, investigações, questionamentos?! (SAMPAIO; AROCENA; RIBEIRO, 2018) Buscar caminhos que remexam, revolvam, cavuquem a terra à procura do que está por baixo, “escondido” entre as sementes e/ou então, de olhar por outros ângulos, com diferentes lentes que convidam a repensar o vivido? Apostando nesta perspectiva de pesquisa, optamos por trocar as lentes e mudar o foco, entendendo que pensar a formação docente é um caminho necessário para se chegar as vivências artísticas experienciadas pelas crianças nas instituições de Educação Básica.

Diante disso e impulsionadas pelas questões que a cena que abre este escrito suscitaram, resolvemos despraticar as normas (BARROS, 2006) ao pensarmos em um conjunto de vivências formacionais (MACEDO, 2020) gestadas a partir de dentro (IMBERNÓN, 2010) e ofertadas para/com a equipe docente de um Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) do município do Rio de Janeiro no qual uma de nós atua como gestora.

As propostas foram pautadas em uma Educação Estética (DUARTE JR, 2000; PERISSÉ, 2014; OSTETTO, 2014; 2015; XXXX; XXXXX, 2018a; 2018b), compreendida aqui como princípio fundante de uma formação docente que considera a integralidade dos sujeitos e acredita na essencialidade de um olhar e uma escuta holística, sensível, disponível e presente para esse ser docente e para o seu processo de construção de conhecimento. É integrar os saberes sensíveis aos inteligíveis (DUARTE JR., 2000), sem cisões e compartimentalizações, em uma perspectiva de Educação que se dá para além das relações institucionais, provocando estesias que conectam os sentidos próprios e a sensorialidade presente no mundo como um todo integrado (DUARTE JR., 2000), reverberando em todos os setores da vida.

O diálogo ainda foi estabelecido com as múltiplas linguagens artísticas com o intuito de encantar, abrir frestas, afetar, propiciando momentos de “inutilidades imprescindíveis” (MEIRELES, 2013 apud FRAGA; URANO, 2013) que convocam a um lutar na esperança, um esperar (FREIRE, 1998), urgente e necessário, ratificado pela pandemia da Covid-19, que nos assolou em 2020 e continua assolando em 2021. Por conta deste panorama, a formação aconteceu de forma remota, por meio de um grupo criado no aplicativo WhatsApp[1], no qual semanalmente enviávamos dois convites que tinham como objetivo propiciar momentos de pausa e respiro, de reconexão corporal e restabelecimento de sentidos, visto que a pandemia não só expõe as veias abertas (SANTOS, 2020), como nos obriga a lidar com nossas frustrações, medos, incertezas e desconhecimentos, em uma perspectiva onde se faz necessário encarar os desafios que nos são impostos, dentre eles: como propor vivências estéticas pelas telas? É possível afetar, estesiar, construir conhecimentos por meio de uma relação assíncrona e a distância? Esperançar virtualmente? Como ofertar vivências remotas

em meio a um contexto pandêmico, no qual fomos e ainda estamos sendo bombardeados por lives, reuniões e formações que acabam por nos exaurir emocional e fisicamente?

Diante de todos estes atravessamentos, planejamos um conjunto de 13 vivências que tinham temas-chave – Autorretrato, Saudade, Presença, Memórias, Atenção, Nuances do olhar, Inesperado, Zoom, Incompletude e Felicidade – com disparadores artísticos – desenho, poesia, palhaçaria, filme, narrativas, história, meditação, fotografia, vídeo, colagens – que buscavam despertar os sentidos e construir conhecimentos a partir de um percurso muito particular, integrando os saberes que cada um/uma desses/dessas professores/as já carregava às percepções despertadas pelas experiências. Em nenhum momento havia a pretensão de uma transposição do presencial para o virtual, por isso, o tempo, os materiais necessários, os convites elaborados, as parceiras convidadas na elaboração das propostas foram cuidadosamente planejadas, de modo que as vivências não fossem percebidas como demandas a serem cumpridas, mas sim como momentos de encontro consigo. Tivemos a participação de 37 educadoras/es[2] que atuam na instituição de Educação Básica pertencente à rede pública municipal e contamos com a parceria de 7 professoras-artistas, da Educação Básica, da Universidade e de espaços não formais de Educação, que costuraram conosco as tramas destas proposituras.

O envio das propostas começou em 21 de maio e finalizou em 13 de julho, quando pausamos para o Recesso Escolar. A cada semana tínhamos duas propostas encaminhadas – segundas e quintas – e duas sugestões de registros. Ao final das propostas, concentramos um total de 249 registros, com formatos diversos: escritos, fotos, desenhos, montagens, colagens, produções plásticas que compõem uma cartografia formacional, um conjunto de registros artísticos que dão a ver os percursos daquele grupo, suas particularidades, encontros e desencontros; uma cartografia subjetiva “[...] que consegue dar conta de outras profundidades constituintes dos espaços: as relações sociais, os traços culturais, a ação humana, as sensações, as afetividades, o tempo.” (CINTRA; OLIVEIRA, 2020)

A ideia era realizar um mapeamento dos processos cuja intenção não era apenas reunir o material produzido para dar a ver o que se passou por meio da revisitação e reflexão, mas sim, escriturar e ressignificar o vivido e o sentido, percebendo as diferentes possibilidades e lentes pelas quais podemos acessar e interagir com os outros, conosco e com o mundo.

A filha que nasceu anjo  
 Despreparo para a morte  
 Ter que parecer forte  
 Só a fé para aguentar  
 Uma perda desmedida  
 Que parece desmaterializar  
 Desmorrer é compartilhar a vida  
 Respirar para equilibrar  
 Cantar alto, os pés na grama  
 Pôr-do-sol que faz esquentar  
 O mar...  
 A estrada...  
 Tarde ensolarada  
 Escondida a criança  
 Família reunida  
 Bagunça, gargalhadas  
 Energias a renovar

Nos “causos” ensinamentos  
 Infinito é o tempo  
 Seus deliciosos desdobramentos  
 A magia do nascimento

Inventividades  
 Sensação de liberdade  
 Manutenção da sanidade  
 Arco-íris faz renovar  
 Notas, acordes para sonhar  
 Confiar no potencial e acreditar! (SAUDADES, 2020) [3]

Este poema foi construído por uma de nós, pesquisadora, a partir das propostas de registro das vivências intituladas “Saudades”. Na primeira, realizada em 25 de maio de 2020, cada educador/a foi convidado/a a fotografar algo de que sentisse saudade. A segunda, encaminhada em 28 de maio de 2020, convidava à escrita de uma carta para esse elemento de saudade. O poema foi escrito a partir de diferentes trechos da carta das/os educadoras/es, como um mosaico de sentidos, emoções e percepções de nós e do mundo.

Os registros que compõem essa cartografia formacional reforçam nossa crença de que era/é preciso escutar o que sentiam/ pensavam as professoras, emersas (e imersas) no hoje, como nos diz Freire (2000), nos indicando que promover encontros formativos sensíveis, que mobilizem as/os sujeitas/os e as/os façam acessar suas potências criativas, estabelecendo conexões entre as proposições e a docência, bem como com suas próprias vidas e modos de se relacionar com o vivido, é mais do que urgente, é necessário. Para que isso seja possível consideramos que é preciso ir na contramão de formações que se sustentem em premissas prescritivas, transmissivas e bancárias (FREIRE, 1998) cuja função seja “ensinar algo para alguém”; mas seguir à contrapelo (BENJAMIN, 1985), criando frestas para ressignificar a construção de conhecimento docente e discente, por meio de formações que considerem os sujeitos em sua integralidade.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. Um olhar. In: BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas** – a segunda infância. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

BENJAMIN, Walter. As Teses sobre o Conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**, v. 1, p. 222-232. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CINTRA, Raissa Helena Rodrigues; OLIVEIRA, Rayssa Roman Fleury de. **Ateliê no cotidiano**: convite, convívio, continuidade. São Paulo: [s.n], 2020.

FRAGA, Marina; URANO, Pedro. Carbono entrevista Cildo Meireles. **Carbono**: natureza, ciência e arte, n. 4, 2013. Disponível em: <http://revistacarbono.com/artigos/04carbono-entrevista-cildo-meireles/>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação, cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

XXXXX, xxxxxxxxxxx; XXXXX, xxxxxxxxxxx. xxxxxxxxxxxxxx: xxxxxxxxxxx. **Poiésis**, Unisul, Tubarão, v. xx, n. xx, p. xxx-xxx, xxx/xxx 2018a.

XXXXX, xxxxxxxxxxx; XXXXX, xxxxxxxxxxx. XXXXXXXXXXXXXXX: xxxxxxxxxxx. **Roteiro**, Joaçaba, v. xx, n. x, p. xxxx-xxxx, xxx./xxx. 2018b.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed,

2010.

LONGAREZI, Andrea Maturano; SILVA, Jorge Luiz da. Pesquisa-Formação: um olhar para sua constituição conceitual e política. **Revista Contrapontos**. v. 13, n. 3, p. 214-225, set./dez., 2013.

MACEDO, Roberto. **Formação de professores, educação online e democratização do acesso às redes**. Congresso Virtual UFBA, 2020.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Danças circulares na formação de professores: a inteireza de ser na roda**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2014.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Crianças, professores, educação infantil, arte: vida que brota do sonho. In: PEREIRA, Ana Cristina Carvalho (Org.). **Atravessamentos: ensino-aprendizagem de arte, formação do professor e educação infantil**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2015.

PERISSÉ, Gabriel. **Estética & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Coleção Temas & Educação)

SAMPAIO, Carmen Sanches; AROCENA, Marcela; RIBEIRO, Tiago. Coleção Ciência e Pesquisa em questão. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

[1] Aplicativo gratuito de mensagens instantâneas e chamadas de voz e vídeo para celular, que permite o compartilhamento de documentos, imagens e vídeos em tempo real, bem como a organização individual ou em grupos dos contatos que se comunicam a partir de uma conexão com a internet.

[2] Utilizamos a palavra educador/a por entender que ela contempla todos que estão envolvidos com a Educação, sejam professoras/es, gestoras/es, estagiárias/os e funcionárias/os de apoio. Dito isso, o grupo contava com a participação de: 18 professoras dos grupamentos e 1 professora da Sala de Recursos, 8 professoras/es especialistas, 3 estagiárias e 1 estagiário, 1 Agente de Apoio à Educação Especial (AAEE), 1 Agente Educadora (AE) e 4 membros da gestão – 1 Diretora Geral, 2 Diretoras Adjuntas, 1 Coordenadora Pedagógica.

[3] Poema construído a partir da proposta de registro da vivência intitulada Saudade, dividida em duas partes. Na primeira, realizada em 25 de maio de 2020, cada educador/a foi convidado/a a fotografar algo que sentissem saudade. A segunda, encaminhada em 28 de maio de 2020, convidada à escrita de uma carta para esse elemento de saudade. O poema foi escrito por uma das pesquisadoras, a partir de diferentes trechos da carta das/os educadoras/es, como um mosaico de sentidos, emoções e percepções de nós e do mundo.